

---

REVISTA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE E  
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL

---

REVISTA HCPA 2005; 25 (Supl 1) :1-251



<sup>a</sup>  
Semana Científica  
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre  
12º Congresso de Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde do Mercosul

---

# Anais

REVISTA HCPA - Volume 25 (Supl 1) - Setembro 2005  
International Standard Serial Numbering (ISSN) 0101-5575  
Registrada no Cartório do Registro Especial de Porto Alegre sob nº 195 no livro B, n.2  
Indexada no LILACS

A Correspondência deve ser encaminhada para: Editor da Revista HCPA - Largo Eduardo Zaccaro Faraco - Rua Ramiro Barcelos, 2350  
90035-903 - Porto Alegre, RS - Tel: +55-51-2101.8304 - [www.hcpa.ufrgs.br](http://www.hcpa.ufrgs.br)

## OS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM E O ENFRENTAMENTO DA MORTE

LETÍCIA FIGUEIRÓ FONTOURA; VERA CATARINA CASTIGLIA PORTELLA

Este estudo objetiva compreender como os acadêmicos de enfermagem estão emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, uma vez que esta se faz presença marcante no cotidiano da profissão de enfermagem e que, atualmente, a questão da morte pouco é abordada, especialmente durante a graduação. Trata-se de um estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado na Escola de Enfermagem da UFRGS, cuja população se constitui nos acadêmicos de enfermagem do nono semestre do Curso de Graduação em Enfermagem. Através de entrevista semi-estruturada, segundo Triviños (1990), foram consultados doze acadêmicos, entre abril e maio de 2005. O questionário constou de dados de identificação e de perguntas abertas sobre experiências, sentimentos, medos, opiniões e religiosidade acerca da vivência de situações de enfrentamento da morte. Os dados foram categorizados e analisados segundo Lüdke (1986). Os resultados apontam que os acadêmicos que se julgam emocionalmente preparados para o enfrentamento da morte, tem considerável vivência dessas situações. Aqueles que se dizem não preparados, conservam uma ansiedade pelo fato de não saber como lidar com sua reação. Existe nos acadêmicos uma insegurança por não saber trabalhar tecnicamente e emocionalmente com situações críticas, devido a uma lacuna no ensino, durante a formação profissional. A religiosidade e a crença numa existência pós-morte parece confortar esses indivíduos. O vínculo formado com o paciente, durante o tratamento, influencia na intensidade da dor da perda. O processo de enfrentamento da morte para os acadêmicos de enfermagem é solitário, feito através de experiências pessoais, entretanto, seria de grande valia a discussão dessa temática durante a graduação.

## EFETIVIDADE DA RECOMENDAÇÃO DE PARAR DE FUMAR EM AMBULATÓRIO DE HIPERTENSÃO

FELIPE COSTA FUCHS;LEILA B. MOREIRA;IVAN ARRUDA;MIGUEL GUS;FLÁVIO D. FUCHS

**Introdução:** a recomendação de parar de fumar é indicada para pacientes com hipertensão. A efetividade dessa recomendação neste contexto não tem sido descrita, assim como características associadas com maior probabilidade de parar de fumar.**Métodos:** foram analisados 147 pacientes tabagistas da coorte de pacientes hipertensos do HCPA que possuíam pelo menos seis meses de acompanhamento. Todos pacientes foram avaliados segundo meticuloso protocolo prospectivo, com registro eletrônico de informações basais e de seguimento. A recomendação de parar de fumar inclui-se entre as intervenções não-farmacológicas rotineiras do ambulatório, prescritas por médicos. Medicamentos foram usados excepcionalmente e não houve auxílio de grupos de auto-ajuda. Aferiu-se a porcentagem de pacientes que na última consulta registrada informavam ter parado de fumar, identificando-se características associadas com maior probabilidade de fumar em análise bivariada e multivariada. **Resultados:** A amostra foi constituída predominantemente por mulheres (91, 61,9%). A idade média era  $50,6 \pm 11,5$  anos, a média de seguimento foi 18,1 meses (moda 7 meses). O IMC era de  $27,4 \pm 4,6$  Kg/m<sup>2</sup>, e a PA  $158,0 \pm 27,3$  mmHg por  $94,8 \pm 15,6$  mmHg. Considerando-se a última consulta registrada, verificou-se que 45 (30,6%) pacientes informaram ter parado de fumar. Na análise bivariada, somente o número de seguimentos se associou significativamente com a probabilidade de parar de fumar. Esta associação mostrou-se independente da renda, IMC e pressão sistólica basal (RR 0,81; IC 95% 0,65 – 0,99; P=0,047). **Conclusões:** a recomendação de parar de fumar em consultas repetidas em um ambulatório de pacientes de risco e motivados foi maior do que a referida em outros contextos, mas ainda é insuficiente. Um seguimento mais rigoroso de pacientes tabagistas é uma medida eficaz para diminuir a prevalência de tabagismo.